

UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA EMANCIPATÓRIA

Ingrid Marcela Souza Moura

Graduada em Licenciaturas em Letras da Universidade do Estado do Amazonas.
Acadêmica do curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente.
E-mail: imsm.let17@uea.edu.br

Victor dos Santos Queiroz

Graduado do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas.
Acadêmico do curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente.
E-mail: vsq.let17@uea.edu.br

Ana Michelle de Carvalho Martins

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.
E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

Maria Quitéria Afonso Menezes

Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora do Projeto Assistência à Docência/PAD.
Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA.
E-mail: mqmenezes@uea.edu.br

RESUMO: O presente relato tem por objetivo narrar uma experiência pedagógica desenvolvida no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Samuel Isaac Benchimol, na cidade de Manaus. Trata-se de um processo oriundo de um curso de especialização denominado Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA em parceria com a Secretaria Municipal de Educação/Semed. Nossa participação neste curso exige uma contrapartida, que é estar em sala de aula uma vez por mês, substituindo o(a) professor(a) regente, no momento em que este estiver em processo formativo. Vamos contextualizar toda nossa vida acadêmica, discorrer sobre questões vividas e relacionadas ao Ensino de Jovens e Adultos (EJA), para enfim apresentar conceitos que permeiam a área de educação através da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e aspectos relacionados à cultura e ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: Relato. EJA. Assistente à docência. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This report aims to narrate a pedagogical experience developed at the Municipal Center for Youth and Adult Education Prof. Samuel Isaac Benchimol, in the city of Manaus. It is a process derived from a specialization course called Project Management and Teacher Training, offered by the State University of Amazonas / UEA in partnership with the Municipal Department of Education/Semed. Our participation in this course requires a counterpart, which is to be in the classroom once a month, replacing the teacher(a) regent, at the moment when he is in the formative process. We will contextualize our entire academic life, discuss issues experienced and related to Youth and Adult

Education (EJA), to finally present concepts that permeate the area of education through interdisciplinarity, transdisciplinarity and aspects related to culture and daily school life.

Keywords: Report. EJA. Teaching assistant. Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Diante da conjuntura atual do país, a educação tem sido cada dia mais atacada pelas autoridades que tentam unificar ou homogeneizar a população, causando a exclusão social, principalmente da classe baixa e proletária, com a finalidade de manter a dominação, por meio das instituições formais, sobre as massas. Neste trabalho vamos apresentar um pouco, a partir de nossas experiências, a realidade de pessoas, que além de tentar garantir o básico para se manter, buscam na escola uma forma de melhorar seu bem-estar social. Assim, objetivamos apresentar a educação como um processo emancipatório, à medida que traçamos um panorama entre cultura e cotidiano escolar, além disso, relatar a negligência vivenciada na educação para jovens e adultos (EJA).

Partindo do desejo de fazer do ensino uma realidade possível para todos que desejam aprender (FREIRE, 2005), vamos trazer questões que justificam a importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) através de nossa experiência, a qual nos proporcionou aprendizado, tanto profissional quanto pessoal, pois defender esses alunos, muitas vezes negligenciados, e o seu direito à educação, nos faz pensar novos métodos pedagógicos, a partir de práticas humanizadoras. Inicialmente, vamos relatar de forma individual nossas trajetórias acadêmicas e profissionais até o momento atual, focando no desenvolvimento pessoal e profissional. A seguir, vamos contar como foi a nossa passagem em uma turma específica, na qual tinha presente apenas um aluno, mostrando, na prática, como tal modalidade apresenta situações inusitadas e, até mesmo, marginalizadas. Sem deixar de lado a descrição das atividades desenvolvidas, trataremos o aluno como protagonista de seu próprio ambiente escolar. Destacaremos as experiências do processo formativo desenvolvidas pelo Lepete (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinaridade em Educação), por meio do Projeto Assistência à Docência/AD”, no qual atuamos como Assistentes de Docência Cursistas.

Narrar a experiência vivida no dia 21 de outubro de 2021, no período da noite, com apenas um aluno em sala e as atividades desenvolvidas, por fim, lembrar e citar as formações regidas pelo grupo discente do Lepete, deixando claro suas importâncias para nosso desempenho em sala de aula.

Acima de tudo, precisamos entender nossa própria identidade e história como professores, assim como diz Arroyo (2000, p. 29), “Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora”. Além de entender que o processo de ensinar não é uma forma de depositar conhecimento

em alguém a partir de outro, e sim levar em consideração que o diálogo é uma exigência existencial (FREIRE, 2005).

NARRATIVAS DO PERCURSO ACADÊMICO

Victor Santos

Saindo do ensino médio, na Escola Estadual Senador Petrônio Portela, eu, Victor Santos, ingressei no curso de Licenciatura em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde participei de alguns projetos como o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), em 2018, e o Lepete em 2019, os quais contribuíram com minha trajetória acadêmica. Formei-me na graduação em agosto de 2021, sendo Assistente à Docência (AD) neste laboratório, pela manhã, e professor de reforço escolar, pela tarde, diretamente matriculado na pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, na qual me encontro atualmente.

De certa forma, sempre soube que queria ser professor. Brincava de “escola” quando era criança com meus primos e sempre queria ser o professor, pensava nas atividades, copiava no quadro negro que tinha e até fazia a chamada. Na hora de escolher o curso no vestibular tive dúvidas em relação à área de conhecimento, mas todas as opções eram licenciaturas. Chegando de fato à universidade, tive expectativas alcançadas e não alcançadas, mas foi ao voltar à sala de aula que me encantei.

O primeiro ano na universidade sempre é um momento de se instalar, por ser um ambiente totalmente novo e diferente, comigo não foi diferente. A partir do segundo ano comecei a me inteirar daquele meio, comecei no PIBID, ao qual serei eternamente grato, por ser meu primeiro contato direto com a escola e suas políticas, mas foi no LEPETE, no terceiro ano da graduação, que descobri um novo mundo, o mundo das diferentes realidades que não devem ser ignoradas. Ingressei no Projeto Assistência à Docência/PAD, que, aos moldes do PIBID, nos encaminha para as escolas, só que de forma mais plural e transdisciplinar. Graduado e pós-graduando, posso afirmar que, graças a esses projetos e a universidade pública, possuo não só um título de professor, mas a consciência de um transformador de realidades.

Ingrid Moura

Enquanto, eu, Ingrid Moura, completei meu ensino médio no IV Colégio Militar da Polícia Militar de Manaus. Meu ensino médio não foi um dos mais agitados e nem tinha o melhor ensino, mas acredito que aproveitei e aprendi a minha maneira. Tanto que, aos 17 anos, ingressei na Universidade Estadual do Amazonas no curso de Letras – Língua Portuguesa.

A priori, eu não desejava ser professora, pois, como a maioria das pessoas, escutava rotineiramente “professor ganha muito mal” ou “torne-se um médico/advogado/engenheiro”; como se toda sociedade fosse regida por estes três pilares

básicos e unívocos. No entanto, alcancei a nota para o curso de Letras e decidi investir. Assim, foram passando os anos e a cada dia eu me identificava com o professorar, sobretudo, com as vicissitudes da sala de aula repleta de desafios, encantos e vida.

Já na Universidade Estadual do Amazonas, vivi o que parecia ser a maior realização de toda a minha vida. Tamanha era a minha empolgação e deslumbramento em estar naquele lugar, finalmente, após tanta espera, o ingresso em uma faculdade pública. Minha trajetória foi de altos e baixos, foi quando realmente eu estive perante a vida em seus sabores e dissabores.

Com o passar do tempo, o encantamento foi dando lugar a um acúmulo de inseguranças. Até que abriram vagas para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o que me levou a me reencontrar novamente, mais confiante. Após o PIBID, surgiu a oportunidade de participar do Lepete, no PAD, mesmo sem conhecer, mandei meu currículo e fiz a entrevista e prova para seleção.

Para minha surpresa, o PAD, que é voltado para formação inicial docente, se vincula a um outro Projeto, chamado Oficina de Formação em Serviço (OFS), destinado à formação continuada docente, tornando, para mim, uma grande alegria. Um processo energizador, uma vez que possibilitava a troca de experiências entre nós, acadêmicos de licenciaturas e os professores das escolas da Educação Básica em seus diferentes níveis e modalidades de ensino. Os professores, supervisores e coordenadores demonstravam querer estar naquele lugar e faziam o que amavam; isso refletia em mim, em nós. Por isso, ser parte dos AD nunca foi forçoso, íamos com vontade e de coração aberto.

VIVÊNCIA DA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Em nosso relato, apresentaremos as experiências vivenciadas na escola Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Samuel Isaac Benchimol, localizada na Rua J, s/n, no bairro São José II, sob gestão de João Carlos dos Santos Picanço e tendo a área pedagógica supervisionada por Lucineide Assis. Nosso trabalho ocorria no turno noturno, variando entre os dias de quarta-feira e quinta-feira.

Ficamos responsáveis pela 5ª fase C, situada na sala 4 da escola, no dia 21 de outubro de 2021, sob supervisão da coordenadora de área Ana Michele e professora Jediã Lima. Neste dia, o componente curricular solicitado, para ministrarmos, era Língua Portuguesa. Esperamos a professora chegar, como de costume, para nos passar as atividades que deveriam ser desenvolvidas. Após sua chegada, nos foi orientado duas atividades da matéria, para serem realizadas no 4º tempo.

Um ponto interessante de abordar quando falamos das atividades passadas pelos professores do CEMEJA, trata-se da interpretação textual. Todas as atividades desenvolvidas no período em que ficamos com os alunos do turno noturno eram de interpretação. É importante levarmos em consideração que ler

um texto vai além de apenas decodificá-lo, para o entender, precisamos de mais elementos para utilizar:

Ler é compreender, é interagir, é construir significado para o texto. Quando se invoca a natureza interativa do tratamento textual, é preciso ter em mente todos os tipos de conhecimento que o leitor utiliza durante a leitura – conhecimentos e crenças sobre o mundo, conhecimentos de diferentes tipos de texto, de sua organização e estrutura, conhecimentos lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos (DELL'ISOLA, 2011, p. 37).

Por outro lado, é interessante trazer o conceito que se tem de leitura na perspectiva das ideias de Solé (1998, p. 42): “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, nesse processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que geram a leitura”. Com base nisso e nas questões, muitas vezes, superficiais, disponibilizadas pelos professores titulares do CEMEJA, tivemos de ressignificar as atividades, ou seja, levamos os textos e as questões para o universo dos alunos. Isso foi feito através de uma conversa realizada na sala, mais especificamente, lemos o texto junto aos alunos, explicamos as questões, deixamos eles tentarem responder sozinhos e depois fizemos a correção tirando todas as dúvidas.

A priori é possível considerar que ao contextualizar e ressignificar essa atividade entrelaçamos os círculos de cultura no processo de ler e escrever, pois a autonomia para a resolução de problema é uma forma de protagonismo na condição social do letramento cultural. Soares (2003) aponta que:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (p. 37).

Partindo para as atividades em si, a primeira continha a fábula “o leão e o rato”, a qual contava a história do rei da floresta e um ratinho como seu conselheiro que tentam afastar um caçador que havia aparecido por ali. Após o texto, havia um questionário sobre, com perguntas discursivas e objetivas, como “qual foi a situação-problema da história?”, entre outras.

Um fato importante a ser dito é que nesse dia havia na sala apenas um aluno, coisa que não era tão incomum ser visto na escola. Perguntamos a ele se gostaria de tentar ler e responder as questões sozinho ou se gostaria de que

fizéssemos juntos, o qual disse que gostaria da segunda opção porque estávamos ali para dar aula, em um tom de brincadeira.

Lemos o texto em voz alta com ele e decidimos explicar que aquele texto possui uma forma própria, entrando no conceito de gênero discursivo, tendo como base a teoria de Bakhtin (2003), dizendo que os gêneros do discurso são formas padrão, que podem se alterar, utilizadas para se comunicar pelo ser humano, ou seja, estão presentes a todo instante no nosso dia a dia e moldam a nossa linguagem.

Do mesmo modo, o processo de alfabetização na modalidade da EJA é pensado como movimento dialético, considerando importante a gradualidade em que cada sujeito se encontra, as narrativas vividas e o conhecimento cultural apresentado.

Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados. Um é o contexto do autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que os fatos se dão a realidade social em que se encontram os alfabetizados (FREIRE, 2011, p. 40).

Após essa explicação fomos fazendo as questões, nas quais o aluno demonstrou um certo grau de dificuldade para entender o que a pergunta estava exigindo, explicamos as vezes que foram necessárias, mas ele conseguiu realizar todas as 12 questões. As últimas 2 questões se tratavam dos tipos de conjunções e que relações elas expressam no texto. Nos embasamos no conteúdo postado pelo professor Guilherme Viana, no site Brasil Escola, do UOL.

Sempre perguntando se aluno tinha alguma dúvida, encaminhamos para a segunda atividade, a qual continha um texto enciclopédico, continha informações científicas sobre o caju. Lemos juntos e explicamos o que caracterizava o gênero textual em questão e, no mesmo esquema da atividade anterior, havia 12 questões sobre o conteúdo do texto, sendo as últimas duas voltadas ao assunto que aborda os advérbios.

Após o aluno apresentar dificuldade em saber explicar o que era um advérbio, nós, também embasados no post do professor Viana, no site “Português”, explicamos as circunstâncias que um advérbio pode expressar, como finalidade, tempo, modo, etc. e seu conceito, sempre trazendo exemplos da sua realidade, por exemplo, *“hoje, apenas Mário veio para aula”*.

Ao fim da aula, o aluno demonstrou muita gratidão pela “paciência” e “atenção” que tivemos com ele, já que o mesmo disse ter muita dificuldade com interpretação textual e língua portuguesa no geral, mas que havia entendido o que foi passado. Sendo assim, pudemos perceber que os jovens, adultos e idosos apresentam dificuldades assim como as crianças, mas com vivências que não devem ser ignoradas, além da insegurança para participar da aula por “medo” de errar, mas eles nos possibilitam praticar nossas atribuições em seu mais puro

aspecto, com uma pluralidade de temas a serem abordados, sem deixar de lado o nosso profundo humanismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para que a prática da assistência aconteça na escola de forma a favorecer as necessidades da sala de aula, com seus currículos e planos pedagógicos estabelecidos pelos professores, o PAD realiza encontros formativos continuados, cujas temáticas abordam não apenas o currículo formal das escolas, mas conteúdos de planejamentos e práticas pedagógicas diferenciados, respeitando os contextos multiculturais dessas escolas.

Com o propósito no desenvolvimento de práticas da atuação do assistente docente foi possível realizar algumas formações que nos possibilitaram conhecer e desvendar sobre temáticas importantes como: a interdisciplinaridade; identidade e cultura; cotidiano e cultura; transdisciplinaridade; formação docente e inclusão. Por isso, a partir dos processos formativos como pós-graduandos e Assistentes à Docência fica evidente: o ensino é dinâmico, flexível, sociocultural; por ser dinâmico nunca é estável; a flexibilidade está para a resiliência do discente; é sociocultural pelas inúmeras identidades viventes situadas num espaço-tempo mutável entre alunos e professores. Deste modo, a escola não acontece, ela está “acontecendo”.

[...] compreendemos os cotidianos como essas redes de trocas e como redes nas quais inúmeros processos educativos ganham forma e “acontecem”. Isso significa observar as articulações que ocorrem no interior dessas redes, a partir de conexões diversas, de relações entre seus múltiplos e tão diferentes “praticantes pensantes” (ALVES, 2012, p. 22).

Em formação, evidenciamos as singularidades dos alunos e quais foram os procedimentos realizados para tentar alcançar as inúmeras personas presentes naquele ambiente. Vivenciamos muitas experiências do choque entre o indivíduo diferente e a sua exclusão por parte do professor. Certo aluno era negligenciado devido à forma como se portava ou pela situação da sua família, ou, ainda, por portar condições específicas, como um aluno autista.

No entanto, fomos instruídos nos processos formativos da pós-graduação e no Assistente à Docência, a identificar os problemas e resolvê-los da forma mais humana possível, desde misturar a divisão dual de menino e menina, e ainda, incluir o aluno PCD (Pessoa com Deficiência) na aula. Neste momento, a teoria e a prática se abalam com a realidade em algumas escolas, infelizmente, alguns professores permanecem ensejados em métodos conservadores e esquecem de acompanhar o tempo de seu aluno.

Com isso, evidenciamos em nossos diálogos formativos que o ensino-aprendizagem, segundo Nilda Alves (2012), ocorre *nosdoscom* os cotidianos escolares, uma vez que o professor encontra uma variedade de realidades em um mesmo ambiente, a sala de aula. Dentro e fora desta, existem vivências que coexistem. Por isso, a interdisciplinaridade é parte da maioria dos debates formativos, já que pensamos a escola como interdisciplinar, pois, é diversamente cultural. Devemos, portanto, entender

A educação intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos – individuais e coletivos –, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça – social, econômica, cognitiva e cultural –, Assim, como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAUI, 2014, p. 1).

A diferença é tratada pelo Lepete, não como o mal da sociedade, pelo contrário, é o que contempla a boniteza do educar e só através dela que podemos ter uma educação significativa. Foi o que aconteceu com a formação realizada por uma aluna cadeirante, bolsista deste Laboratório, Rhanayse da Silva Costa. A mesma ministrou palestras e gincanas sobre as Pessoas com deficiência, ela deu um show de conhecimento e ensinamento sobre empatia, diversidade e política. Ao final, fomos todos vendados e tivemos que passear pela UEA com a ajuda de um colega - o guia -, para que, assim, pudéssemos compreender a rotina dos indivíduos com alguma singularidade.

Portanto, nós como corpo dos Assistentes à Docência, além disso, pós-graduandos no curso Gestão de Projetos e Formação Docente, acreditamos na educação pela vida, longe dos amálgamas da desigualdade. A educação é, acima de tudo, esobretudo, direito de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas experiências como pós-graduandos e acadêmicos, em conjunto, aos tantos conhecimentos e saberes adquiridos por meio dos processos formativos na OFS como Assistentes à Docência, evidenciamos as forças entre a teoria e a prática em sala de aula; as adversidades que, por vezes, deixavam-nos insatisfeitos, como a negligência para com os alunos do Ensino para Jovens e Adultos.

Destacamos a educação freireana e a política do diferente como processos que permitirão o progresso igualitário do ensino-aprendizagem, pois, em um país repleto de desigualdades sociais, surgem profissionais fortes que lutam ainda pela educação libertadora e de todos. Portanto, nossas vivências no projeto nos fez valorizar o ensino em suas multifacetadas, diferenças sociais e culturais, esperando

a cada dia por um Brasil no qual a educação alcance mais e mais crianças e jovens adultos, dando lhes esperança de prosperidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 62-74, 2003.

ARROYO, G. Miguel. **Ofício de mestre**: Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANDAU, Vera Maria. **Concepção de educação intercultural**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura**: inferências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 2011, p. 37.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à Prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

VIANA, Guilherme. **Advérbios**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/gramatica/adverbios.html>. Acesso em: 04 dez. 2021.

ANEXOS

Figura 1 - Orientação das atividades na turma EJA noturno



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Estudantes da EJA noturno - CEMEJA



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 3 - Estudantes da EJA noturno - CMEJA



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.